

TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: APROXIMAÇÕES PARA A VALORIZAÇÃO DO LEGADO AFRICANO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

**Rejane Martins Bastos¹, Hysdras Ferreira do Nascimento², Priscila Tamisso-Martinhon³,
Célia Regina Sousa da Silva³, Suyane David Sá de Alvarenga⁴, Grazieli Simões³,**

¹*Licencianda em Química, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
(rejanebastos07@gmail.com)*

²*Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Química (PGQu), Universidade
Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil*

³*Departamento de Físico-Química (DFQ), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio
de Janeiro, Brasil*

⁴*Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro,
Brasil*

Resumo: O presente trabalho dialoga a teoria histórico-cultural de Lev Vygotsky com a educação antirracista proposta por Bárbara Carine, diante da perspectiva afrocentrada. Tais relações contribuem para uma reflexão sobre a importância de uma abordagem cultural ancestral para o desenvolvimento pessoal e social dos sujeitos.

Palavras-chave: Afrocentrada; Vygotsky; Bárbara Carine.

INTRODUÇÃO

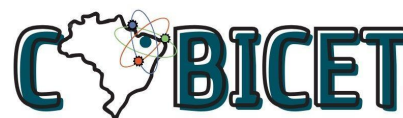
Lev Vygotsky contribuiu significativamente para a educação com sua teoria histórico-cultural do desenvolvimento, que destaca a interação social como importante ferramenta para o aprendizado. Em suas obras, Vygotsky aponta que a aprendizagem é favorecida pelo contato com o outro e com a pluralidade cultural disponível, facilitando o desenvolvimento das funções cognitivas. Mediante a essa premissa, o indivíduo constroi o seu conhecimento através da interação social e da exposição com a cultura (Ivic, 2010).

O ser humano não tem o seu desenvolvimento completo se não estiver em contato com outros indivíduos, e essa construção se dá pela interação e observação que indivíduos mais desenvolvidos desempenham. Como ocorre com as crianças que se desenvolvem através das interações com os adultos, que são portadores de cultura (Ivic, 2010). As contribuições de Vygotsky para a educação são atravessadas pela psicologia, e propõem mudanças significativas no processo educacional. Segundo Ivic (2010), a relevância das contribuições de Vygotsky possibilita avanços metodológicos de ensino, o que pode auxiliar durante o processo de ruptura com o ensino tradicional, justamente devido a abertura de espaço para os alunos, já que os sujeitos são vistos como ser ativo em constante interação com seu meio (Ivic, 2010).

As capacidades mentais, que possibilitam a construção do conhecimento, usadas na aprendizagem não são determinadas apenas pela herança genética, o ambiente em que o indivíduo está inserido, é um importante fator no desenvolvimento das habilidades mentais. As capacidades cognitivas se desenvolvem por meio das interações ativas do indivíduo no meio, em outras palavras, nas comunidades de interações sociais e culturais (sejam no meio escolar, familiar, religioso, entre outro), que são responsáveis por influenciar a forma como o indivíduo pensa, aprende e interpreta o mundo (Fiori; Goi, 2021).

Apesar de Vygotsky não escrever especificamente sobre as relações étnico raciais no início do século XIX, seu trabalho já compreendia as relações sociais e culturais como constructos essenciais para o desenvolvimento humano. Uma possível leitura das contribuições de Vygotsky é a valorização de diferentes epistemologias que influenciam no modo de pensar e agir dos sujeitos. Nesse mesmo caminho, aloca-se a educação para as relações étnico raciais, baseada na desconstrução de um currículo eurocêntrico com a valorização da cultura africana e afro-brasileira, sob a óptica da legitimação dos saberes africanos.

A educação antirracista tem como propósito central, o enfrentamento ao racismo. Seu principal objetivo é



desconstruir a estrutura eurocêntrica, ou seja, é a negação de toda subalternidade e marginalização imposta historicamente pelo grupo dominante “que criou o conceito de raça, baseado em características fenotípicas, para legitimar a dominação” (Pinheiro, 2023). A luta antirracista representa a rejeição ativa dessas imposições, no entanto, viver em constante resistência a esse sistema opressor, que obriga o povo negro a se defender continuamente da desvalorização e violência, é nocivo e exaustivo.

O presente trabalho compartilha reflexões sobre a teoria histórico-cultural de Lev Vygotsky e educação antirracista de Bárbara Carine, propondo aproximações entre ambas.

MATERIAL E MÉTODOS

Esse trabalho possui caráter qualitativo e foi desenvolvido com pesquisa bibliográfica e documental. Foram realizadas buscas no Google Acadêmico utilizando os comandos “teoria histórico-cultural”, “Educação antirracista”, “Relações étnico-raciais”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Teoria histórico-cultural de Lev Vygotsky

De acordo com Ivic (2010), o homem tem o favorecimento do desenvolvimento da sua inteligência e da sua formação do ser (como indivíduo), quando recebe as diferentes influências do meio, e esse processo é caracterizado pela aquisição da cultura. Ferramentas como práticas religiosas, regras sociais, metodologias pedagógicas e científicas, são estímulos usados para guiar, controlar e moldar a maneira de pensar e agir dos indivíduos. A partir da internalização desses estímulos sociais o sujeito constroi seu pensamento e sua visão de mundo. Esse movimento mostra como a cultura influencia a mente e o comportamento humano pois é o meio externo que molda o interno, onde as influências sociais e culturais são pavimentadoras da formação, do desenvolvimento e do controle das emoções, dos pensamentos e da tomada de decisões. Dentro dessa perspectiva, a cultura é o acúmulo de tudo que foi desenvolvido pela humanidade e faz parte do progresso de cada indivíduo (Ivic, 2010).

Fiori e Goi (2021) demarcam que, para Vygotsky, a inteligência é um produto histórico cultural, o pensamento e seu desenvolvimento inteligente depende do meio no qual o indivíduo está inserido, e considerando que cada cultura tem suas características próprias, o que influencia no modo de pensar. A aprendizagem se dá a partir das vivências do indivíduo, como preceito, é necessário experienciar a vida em sociedade e interagir com outros, e são essas experiências sociais e culturais que possibilitam o desenvolvimento intelectual. Nesse contexto, para que ocorra o desenvolvimento

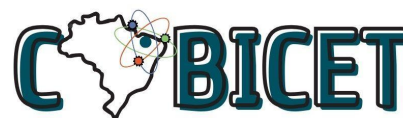
intelectual primeiro é necessário que haja a aprendizagem. O indivíduo inicialmente aprende com outros por meio das interações sociais e culturais, depois essa aprendizagem é internalizada, resultando no desenvolvimento intelectual. À esse último, é associado fatores como linguagem e memória, já que não ocorre isoladamente e é dependente das relações culturais e sociais (Fiori; Goi, 2021).

Para Vygotsky, do ponto de vista psicológico, o desenvolvimento humano não depende exclusivamente do indivíduo, depende do outro. Os tentáculos do desenvolvimento se prolongam para absorver os saberes e as culturas de outros indivíduos, mostrando que essa relação é intrínseca ao ser, mesmo dependendo do ser exterior. Inicialmente, o indivíduo começa a absorver uma cultura a partir da convivência com os seus familiares, mas para expandir o pensamento e o conhecimento, passa a se relacionar com outras pessoas e com diferentes epistemologias, assim seu desenvolvimento psicológico e cognitivo seja pleno e abrangente (Ivic, 2010).

Na teoria vygotskyana, a internalização é um ponto chave para compreender o desenvolvimento intelectual. A criança vê, ouve e participa de práticas sociais que são transformadas internamente em ações como pensar, agir e aprender. Esse processo enfatiza que o meio em que a criança está inserida influencia o seu desenvolvimento, o contexto social e cultural é um marcador para a transformação da mente e da identidade, onde a cultura forma o indivíduo e o indivíduo transforma a cultura (Fiori; Goi, 2021).

Os diversos saberes culturais derivam de múltiplas epistemologias e tempos históricos diferentes, influenciando o desenvolvimento cognitivo de indivíduos que vivem em grupos distintos e têm contato com culturas próprias de uma determinada época, o que significa dizer que indivíduos marginalizados, privados de certos saberes, construirão seus conhecimentos de forma, viés e em tempo diferentes. Como consequência, o desenvolvimento da mente humana não é igual em todas as culturas e épocas, dependerá dos recursos culturais disponíveis que variam com o tempo e o espaço. Portanto, para que se possa compreender a diferença de saberes dos indivíduos, torna-se fundamental conhecer os contextos social, histórico e cultural no qual se inserem (Ivic, 2010).

Considerando a perspectiva de Vygotsky, as relações ocorrem principalmente nas instituições de ensino, responsáveis por fomentar o desenvolvimento psicológico e cognitivo, já que a escola é um importante lugar de experiências para a construção de emoções afetivas, reconhecimento de identidades e construção de conhecimento, através da interação social e cultural e não na ação isolada do indivíduo.



Dentro desse contexto, a função pedagógica escolar é fundamentalmente construtivista, onde a educação não é pautada apenas na transmissão de conteúdos (Ivic, 2010).

Segundo Fiori e Goi (2021), Vygotsky acreditava que a aprendizagem primeiro ocorre no nível social, depois no individual, onde os estudantes são protagonistas do processo de aprendizagem, e o professor é o mediador dessa aprendizagem e não um mero transmissor de conteúdos. Esse conjunto de ideias dão indícios dos alicerces construtivistas, a partir de uma abordagem que acredita que o conhecimento é construído em conjunto e na colaboração.

2. Educação antirracista de Bárbara Carine

Bárbara Carine é fundadora da primeira escola afro-brasileira, localizada na Bahia, recentemente também abriu uma filial dessa escola no Rio de Janeiro. Um projeto que foi idealizado para romper com o formato eurocêntrico do currículo escolar, e garantir uma educação significativamente transformadora, capaz de formar os estudantes conforme as diversas contribuições epistemológicas que participaram da construção histórica, cultural e social do nosso país (Pinheiro, 2023).

Falar para os sujeitos negros de opressão, racismo, violência e outras formas de humilhação e desvalorização é desmotivador e desgastante, especialmente porque essas experiências não é distante de suas realidades, fazem parte da sua vivência diária. Reforçar os aspectos negativos da trajetória do povo negro, mesmo em um contexto crítico, pode contribuir para a manutenção de um imaginário de dor, sofrimento e inferiorização (Pinheiro, 2023; Pinheiro, 2019). Diante disso, a educadora Bárbara Carine propõe uma perspectiva de valorização e reconhecimento dos feitos e saberes africanos ancestrais, que se alinha com afroperspectividade de Noguera, Duarte e Ribeiro (2019), promovendo uma educação afrocêntrica.

Pinheiro (2023) desloca o foco da abordagem, transferindo-a da dor para a potência, reconhecendo o passado de resistência e além disso, afirmando o protagonismo e realização do povo africano, uma herança de impérios ancestrais e saberes científicos e tecnológicos. Abordar os conteúdos didáticos utilizando uma metodologia centrada em realizações e saberes africanos conforme propõe Barbara Carina, possibilita fomentar nos estudantes uma aprendizagem baseada na afirmação epistemológica de povos negros, caminhando em sentido contrário a lógica da negação, que subalterniza e inferioriza as contribuições africanas como forma de dominação e como sempre foi usada para ensinar os alunos.

A proposta de uma aprendizagem pautada na história dos povos africanos e na riqueza cultural e intelectual, dá destaque às filosofias, religiosidades, conhecimentos, tecnologias e contribuições não-distorcidas pelo eurocentrismo (Pinheiro, 2023; Noguera; Duarte; Ribeiro, 2019). Baseado nessa narrativa, é essencial alimentar psicologicamente os estudantes de referências positivas a respeito da sua ancestralidade, já que, de acordo com Bárbara Carine, “como a gente não se vê potente, a gente não se pensa potente” (Pinheiro, 2023, p. 57).

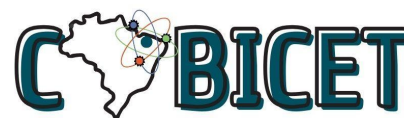
A classificação das pessoas de acordo com traços fenotípicos africanos no Brasil, um país marcado pela pobreza e pela subalternidade socialmente normalizadas, justifica suficientemente a necessidade de uma pedagogia estruturada na posituação do legado de África enquanto berço social, político e intelectual. É levado em consideração também que pessoas brancas estão representadas massivamente em toda a estrutura sócio-político e cultural do país, então mesmo o branco privado de recursos financeiros, consegue ocupar uma posição de destaque social, já que o pacto branquitude o defende (Pinheiro, 2023; Pinheiro, 2019).

A escola como meio de formação social desempenha papel essencial em desconstruir as bases eurocênticas responsáveis por reproduzir os mecanismos de submissão do povo negro. A escola como parte integrante de uma sociedade alicerçada na cultura do dominador, apresenta cicatrizes estruturais que precisam desenvolver meios de não reproduzi-las. Nesse contexto, o professor como sujeito que ocupa posição de destaque em sala de aula, apresenta poder de fala que possibilita abordar as questões étnico-raciais em sala de aula (Pinheiro, 2023).

Bárbara Carine defende a cosmopercepção com uma abordagem baseada nas epistemologias dos povos historicamente renegados, utilizando “dinâmica da coletividade fora do pensamento ocidental” (Pinheiro, 2023, p. 90). Utilizando o que ela chama de pedagogia da implosão, onde as subjetividades dos sujeitos são levados em consideração, onde são acolhidos e amparados respeitando suas diversidades (Pinheiro, 2023).

CONCLUSÃO

A inserção do legado negro nas práticas educativas promove uma valorização e reconhecimento das contribuições ancestrais, promovendo um fortalecimento da identidade e autoestima dos estudantes, que caminha na contramão da perspectiva de ensino eurocentrada (e de raízes escravocratas). O ganho com a ruptura do racismo epistêmico se aproxima da visão de Vygotsky (Santos et al., 2021) no entendimento de que o indivíduo passa a se autoconstruir e a se reconhecer como parte do meio,



facilitando sua aprendizagem e fomentando sua representatividade em diversos espaços.

No entanto, destaca-se que a abordagem das relações étnico raciais em sala de aula deve ser realizada pela consciência, e que quando não há consciência histórica, a lei 10639 pode funcionar como mecanismo de cobrança (Pinheiro, 2023). A abordagem da lei 10639 é alicerce que possibilita aos sujeitos criar uma nova perspectiva de vida em detrimento de uma nova realocação de legados historicamente apagados. A legitimação dos saberes de África como mecanismo de ensino científico, se torna então uma perspectiva de formação cultural-científica cidadã (Pinheiro, 2019).

O desafio é maior do que propriamente o espaço da sala de aula. Instituições de ensino ainda perpetuam uma desvalorização cultural por parte das contribuições negras, o que dificulta a equidade quanto ao desenvolvimento cognitivo e de construção da identidade negra (Souza Filho; Martins, 2022). É preciso praticar metodologias educacionais que refletem a realidade da formação da cultura afro-brasileira com o intuito de conscientizar os formadores de sujeitos (o corpo social dos espaços de ensino) sobre a importância da contribuição do povo africano em diáspora para a construção do país.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Química (PGQu) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ao Laboratório de Catálise Heterogênea (LABCATH) e ao Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão de Danos Induzidos por Radiação (LEPEDIR), ambos do Departamento de Físico-Química do Instituto de Química (IQ/UFRJ), ao Grupo Interdisciplinar de Educação, Eletroquímica, Saúde, Ambiente e Arte (GIEESAA/UFRJ), ao Grupo Interinstitucional e Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão em Ciências (GiMenPEC/UFRJ) e ao Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão de Diálogos em Rede Transdisciplinar (GEPEDiRT/UFRJ).

REFERÊNCIAS

- FIORI, R.; GOI, M. E. J. Teoria de Vygotsky: reflexões sobre o uso do ambiente virtual de aprendizagem e da Resolução de Problemas no Ensino de Química. *Research, Society and Development*, São Paulo, v. 10, n. 13, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i13.21405>. Acesso em: 08 jun. 2025.
- IVIC, I. Lev Semionovich Vygotsky. Edgar Pereira Coelho (org.). Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 140 p. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/text/o/me4685.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2025.

- NOGUEIRA, R.; DUARTE, V.; RIBEIRO, M. dos S. Afroperspectividade no ensino de filosofia: possibilidades da Lei 10.639/03 diante do desinteresse e do racismo epistêmico. O que nos faz pensar, Rio de Janeiro, v. 28, n. 45, p. 434-451, jul./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.32334/oqnfp.2019n45a693>. Acesso: 20 jun. 2025.

- SANTOS, L. R. et al. As contribuições da Teoria da Aprendizagem Lev Vygotsky para o desenvolvimento da competência em informação. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, São Paulo, v. 17, p. 01-15, 2021. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1489>. Acesso em: 08 jun. 2025.

- SOUZA FILHO, E. F.; MARTINS, E. Contribuições da teoria histórico-cultural para a compreensão das questões raciais na educação escolar. *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 48, e239195, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248239195>. Acesso em: 08 jun. 2025.

- PINHEIRO, B. C. S. Educação em Ciências na Escola Democrática e as Relações Étnico-Raciais. *Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências*. n. 19, p. 329–344, 2019. Disponível em: doi: 10.28976/1984-2686rbpec2019u329344. Acesso em: 08 jun 2025.

- PINHEIRO, B. C. S. Como ser um educador antirracista. Editora Planeta do Brasil, 5ª edição, p. 160, São Paulo, 2023.